

NOVOS PADRÕES DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS RURAIS: a vida no campo se aproxima da cidade

NEW CONSUMPTION PATTERNS OF RURAL FAMILIES: countryside's life approaches the city

Nayhara Freitas Martins Gomes

Doutora em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais
nayhara_martins@yahoo.com.br

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Professora Associada IV do Departamento de Economia Rural e Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (UFV)
louisefiuza@ufv.br

Neide Maria de Almeida Pinto

Professora Titular do Programa de Pós – Graduação em Economia Doméstica (UFV)
nalmeida@ufv.br

Resumo

O presente artigo analisa os novos padrões de consumo das famílias rurais de Araponga, Minas Gerais. Utilizou-se como procedimento metodológico, nesta pesquisa, a aplicação de 94 entrevistas com jovens, adultos e idosos moradores do campo deste pequeno município. Os resultados da pesquisa mostraram a existência de um deslocamento rotineiro entre o campo e a cidade através do qual padrões de consumo material, como compra de eletrodomésticos, alimentos, roupas, meios de transporte e de comunicação tornam-se frequentes. A expansão dos padrões de consumo se mostrou materializada na paisagem rural do município analisado. Todavia, artefatos como o fogão à lenha, dentre outras práticas tradicionais coexistiam com aparelhos modernos como o fogão elétrico. Observou-se assim, que há um hibridismo nos modos de morar das famílias residentes no campo do município analisado.

Palavras-chave: Consumo. Modo de vida. População rural.

Abstract

This article analyzes the new consumption patterns of rural families of Araponga, Minas Gerais. As a methodological procedure, 94 interviews were conducted with young people, adults and the elderly, who lived in the countryside, in a small municipality. The survey results showed that the routine displacement between the countryside and the city gives them access new patterns of material consumption as buy home appliances, foods, clothes, means of transport and communication. The expansion of urban life patterns proved to be expressive in the rural landscape in the municipality analyzed. However, artifacts such as the wood stove coexisted with modern appliances such as the

electric stove. It's concluded that there is a hybridism in the ways of living of families living in the countryside of the analyzed municipality analysed.

Keywords: Consumption. Way of life. Rural population.

Introdução

A mobilidade cotidiana entre o campo e a cidade se apresenta como uma realidade do mundo globalizado. A inserção dos padrões urbanos de consumo na sociedade rural vem expandindo em todo o Brasil, desde a década de 1960, ainda que com intensidades diferenciadas. Contudo, pouco se tem investigado, ainda, acerca desta mobilidade cotidiana entre o campo e a cidade nos pequenos municípios brasileiros. Dos 5.570 municípios brasileiros cerca de 3.670 municípios, correspondendo a 68,2% apresentam uma população inferior aos 20 mil habitantes (IBGE, 2010) e uma economia ancorada no setor agropecuário. Assim, analisar os deslocamentos rotineiros, da população que vive em pequenos municípios de economia agrícola, pode ampliar a compreensão da forma como os modos de vida desta população vêm absorvendo hábitos e práticas advindos deste contato frequente com os modos de vida urbano.

Mas, pouco se sabe como a aproximação dos habitantes do campo com a cidade em termos dos hábitos de consumo vem se materializando nas casas, nos modos de morar, no jeito de se vestir, nas práticas de lazer e etc. Candido (1997), chamou a atenção para o papel do consumo como um fator de descaracterização da sociedade caipira, desde fins dos anos de 1950. Segundo observou o autor, o consumo assinala o avanço do processo de urbanização sobre a sociedade caipira. Os bens antes produzidos a nível doméstico, passam, cada vez mais, a ser substituídos por aqueles comprados fora da propriedade. Apresenta-se, neste artigo, a descrição dos padrões de consumo das famílias rurais, que vivem no município de Araponga, situado na Zona da Mata Mineira, buscando compreender de que forma eles são absorvidos em suas vidas.

A partir da década de 1940, houve no Brasil, um apelo à políticas voltadas à integração nacional, marcado pela estruturação do sistema de transportes, do crescimento industrial, da produção mecanizada, da disponibilidade cada vez maior de energia elétrica, entre outros (LORDANO; JOIA, 2020). Consequentemente, a partir dos anos de 1970, a capacidade de transportes tomou impulso com uma rede viária densa e moderna. Esses fatores disseminaram novos conteúdos e comportamentos,

graças às possibilidades de produção e de circulação de produtos, pessoas, informações e capital. É a supremacia do período técnico-científico-informacional sobre a humanidade (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

Lordano; Joia (2020) advogam que a capacidade de mobilidade espacial da população rural tem se alterado consideravelmente nas últimas décadas. A disseminação do automóvel, como também dos demais meios de transporte e de toda a infraestrutura viária nas áreas rurais, proporcionou maior mobilidade ao morador do campo, fazendo com que ele se movesse com maior frequência e autonomia, em atendimento às mais variadas motivações.

Perspectiva Teórica

Os modos de vida

O enquadramento teórico adotado neste artigo se baseia na concepção de que o gradativo processo de transformação das sociedades rurais não se estabelece de forma homogênea. Segundo Li et al. (2019), a atenuação das fronteiras entre o campo e a cidade está associada aos processos de globalização, industrialização e urbanização da sociedade. De acordo com Wanderley (2009) e Gomes et al. (2019), a condição de consumidores aproximaria os habitantes do campo dos da cidade. Essa paridade entre os modos de vida seria fruto da integração da sociedade rural à economia e à sociedade global. No entanto, essa integração não se manifestaria uniformemente no campo, já que existiriam desigualdades regionais, de classe, como também de sexo e geração. Daí a importância de se analisar a forma como este processo de expansão dos padrões urbanos adentra em um pequeno município produtor de café, caracterizado por uma expressiva presença da população rural.

A literatura sociológica vem apontando, desde os anos de 1920, com a Escola de Chicago, a influência do modo de vida urbano sobre as sociedades periféricas. De acordo com Braga et al. (2017), Wirth (1979), um dos expoentes desta escola, se constituiu em uma das principais referências nesta temática, em virtude de ter estudado o conceito de modo de vida a partir do processo de crescimento das grandes cidades. Segundo a perspectiva do mencionado autor, as condições de vida típicas das pessoas que viviam em grandes centros urbanos influenciariam e se irradiariam para outras

localidades mais remotas. Assim, segundo Wirth (1979), a vida rural absorveria as marcas do urbanismo a partir da influência da cidade e dos meios de comunicação. Da mesma forma, Rambaud (1973), no pós Segunda Guerra Mundial, na França, destacou este processo de espraiamento da cultura urbana. Segundo o autor haveria uma porosidade em termos do transbordamento do urbanismo como um modo de vida, fosse mediante o contato entre rurais e citadinos através do turismo rural, do acesso dos rurais aos jornais, à educação e à própria cidade.

No entanto, a monetarização advinda da comercialização agrícola, assim como do desenvolvimento de atividades assalariadas seriam dois dos fatores, que conjuntamente ao recebimento de benefícios sociais, contribuiriam para esta expansão do processo de urbanização dos modos de vida daqueles que viviam no campo. Com a monetarização da vida, bens e serviços passariam a ser mais consumidos pelos habitantes do campo. Conforme destacaram Silveira et al. (2013), Rambaud apontou ter havido em fins dos anos de 1950, uma crescente monetarização das relações de trabalho, a qual desencadeou uma lógica ruptiva com o modo de vida camponês, que foi perdendo as marcas do autoconsumo e da subsistência. Segundo destacou o autor, este processo de seleção das referências urbanas pelos rurais, se efetivaria de forma individual e heterogênea, enfatizando as possibilidades de escolhas que cada indivíduo ou segmento social teriam no processo de composição do seu modo de vida (RAMBAUD, 1973). Os jovens e as mulheres foram destacadas pelo autor como tendo maior abertura para a captação de referências urbanas, em comparação com os homens e as pessoas mais idosas.

No Brasil, Antônio Candido foi um dos primeiros pesquisadores a desenvolver estudos nesta temática, abordando as mudanças dos modos de vida do caipira paulista, a partir de fins da década de 1950. Ele descreveu os seus meios de subsistência, as mudanças nos seus modos de vida e as consequências destas na organização da sua vida social. Candido (1997) descreveu os costumes, a cultura, as relações sociais, isto é, as formas com que os caipiras paulistas tentavam superar as demandas do cotidiano. Para o autor, o modo de vida se constituía em uma expressão de vida dos sujeitos sociais, em outras palavras, consistiam nas características das relações do homem com o espaço ao seu entorno.

Candido (1997), defendia que o termo meio de vida está associado a um equilíbrio relativo entre as necessidades de dada sociedade e a sua satisfação frente aos recursos do meio físico. No entanto, as necessidades não deveriam ser entendidas apenas pelo seu caráter natural, relativo à existência física dos indivíduos, mas, também, pelo seu caráter social e cultural. Ou seja, as necessidades refletiriam a vida em sociedade, com suas especificidades históricas, econômicas e culturais. Candido (1997) destacou que o modo de vida caipira passou por uma redefinição de seus vínculos de dependência em relação à cidade. A vida nas fazendas, sítios e comunidades rurais foram afastando-se relativamente das estruturas tradicionais típicas. Neste período, contudo, se observava a coexistência de práticas associadas aos modos tradicionais de vida mesmo mediante a incorporação de padrões modernos.

Candido (1997) classificou a mudança da cultura caipira a partir do exemplo de três tipos sociais de indivíduos: 1) o caipira que procurou enquadrar-se ao máximo às novas condições; 2) o que se apegou à vida tradicional, procurando conciliá-la com as exigências presentes; 3) o que se mostrou totalmente incapaz de ajustar-se às duas condições anteriores. Tal como Rambaud havia destacado em seu estudo na França, para Antônio Candido, os fatores tradicionais exerceriam uma ação reguladora frente as novas condições de vida. O tecido social caipira em determinados bairros rurais seria capaz de combinar o tradicional e o moderno, integrando-os de certo modo no seu sistema. A situação não é de substituição mecânica dos padrões, mas de redefinição dos incentivos tradicionais, por meio do ajustamento dos velhos padrões ao novo contexto social” (CANDIDO, 1997, p.161). A “acomodação” do caipira aos padrões urbanos se faria conforme o encontro de condições satisfatórias para substituir os seus próprios padrões de vida. Ainda segundo o autor, este fenômeno seria de ordem global. A cultura das cidades absorveria, paulatinamente, as variedades culturais rústicas, desempenhando, portanto, cada vez mais, o papel de cultura dominante, através da imposição de suas técnicas, seus valores e padrões de vida.

Setubal (2005) na obra *Vivências Caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades* reflete sobre os valores e costumes caipiras que formaram a identidade do homem simples interiorano, destacando que os mesmos foram construídos e reconstruídos ao longo do tempo. Para Setubal (2005) o modo de vida caipira, com seus valores e costumes, em relação à moradia, aos hábitos alimentares, ao vestuário, às

festas, à moda de viola, à prosa, às práticas religiosas e às crenças, assim como os laços de compadrio e solidariedade envolveriam dimensões das práticas, hábitos e valores que conformariam a identidade do paulistano do interior. A forma como o modo de vida tradicional de um povo enraíza as suas referências futuras pode ser observada no estudo de Max Sorre (1958). O autor, deu exemplos dos povos que viviam em regiões como o Ártico, que mantinham, mesmo após milênios, os mesmos modos de vida e que quando houve uma degradação que alterou esse ambiente os modos de vida também se transformaram. O autor procurava mostrar que o modo de vida pode ser partilhado por pessoas de diferentes idades, *status quo* e atividades sociais. Segundo Sorre (1958), o modo de vida se mostra mais vinculado a parâmetros culturais estabelecidos face ao meio social em que se vive.

Para Isabel Guerra (1993), ao se analisar os modos de vida deve-se levar em conta três dimensões, que geralmente são pouco utilizadas: 1) o sistema e os atores sociais; 2) a História e o cotidiano e 3) o objetivo e o subjetivo na percepção do real. Essas três dimensões deveriam ser articuladas de modo a combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos; o nível da vida cotidiana com o econômico, o político e o cultural; bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social. O estudo sobre os modos de vida se encontra frente a um dilema: por um lado, de acordo com a autora, a análise da vida cotidiana assumiria a forma de uma mediação horizontal, específica e irreduzível, mas sofreria com as contradições sociais. Por outro lado, a análise dos modos de vida submete-se à lógica da reprodução da força de trabalho expressa pelas condições de exploração e de classe.

Segundo Guerra (1993), as pesquisas mais recentes sobre os modos de vida dariam enfoque a dois aspectos: por um lado, a análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas, o trabalho, a vida familiar, o consumo, o lazer e etc. e, por outro, as relações que o conjunto destas práticas cotidianas estabelecem com as relações sociais mais gerais. Assim, para Guerra (1993), os trabalhos ligados aos aspectos da vida cotidiana, deveriam se preocupar com o grau de consciência dos atores sobre a condução dos seus destinos, individuais ou coletivos. Em outras palavras, deveria também buscar a compreensão do nível de racionalidade e irracionalidade presente nas práticas sociais, seguindo tendências imersas na história da sociedade em questão.

Tais sentidos imersos na história, não captáveis conscientemente pelos indivíduos, são destacados por Martins (2011) em seus estudos sobre a sociabilidade do homem comum que vive à margem da sociedade. O autor também contribui para os estudos dos modos de vida, ao apontar que a cultura popular incorpora a modernidade, mas não a partir da tradição. Brandão (2009), se mostra, neste sentido, atento com a relação que o global exerce sobre o local. Este autor dedicou muitos estudos à construção cultural das escalas espaço-temporais em comunidades rurais, defendendo que os padrões de tempo e espaço construídos em nível local permitiriam aos sujeitos sociais construir e recriarem o cenário entre a natureza e a cultura, sendo este processo expresso pelos seus modos de vida.

Diante do exposto, adotamos neste trabalho, a perspectiva de que a vida rural incorpora as marcas do modo de vida urbano a partir da relação com a cidade, das influências difundidas pelos meios de comunicação e das facilidades de deslocamento, que propiciam o contato entre os grupos sociais. Endossamos, assim, a perspectiva de Rambaud (1973), Wirth (1979), Candido (1997) e Lefebvre (2001), segundo as quais a força da “cultura urbana” seria, sim, expansiva e agiria sobre a sociedade rural, mas de forma paulatina e com um ritmo próprio de incorporação e reprodução de seus elementos. O modo de vida envolve dimensões identitárias, compostas por práticas, hábitos e valores, os quais se reconfiguram mediante processos de interação entre o campo e a cidade. Mas o processo de absorção cultural incorporado ao modo de vida dos rurais se faz a partir das suas próprias referências culturais. Portanto, não há uniformidade. A transformação dos hábitos, costumes e da percepção de mundo das pessoas que vivem no campo se dá em ritmos próprios e com graus e conteúdos diversificados (SILVEIRA et al., 2013).

O processo de hibridismo cultural

A formação dos países da América Latina se constituiu mediante a penetração de culturas estrangeiras, que ocasionaram um processo de mescla cultural. Tal processo vem se dando ao longo dos séculos, por meio do encontro, da reciprocidade e também dos conflitos com a cultura vinda de fora. Nesse sentido, Canclini (1998), chama atenção para os processos de hibridismo das culturas latino americanas que foram resultantes do encontro entre a cultura dos conquistadores com a dos conquistados

resultando em processos de diferenciação cultural. O autor se debruça em seus estudos sobre o diálogo entre a cultura erudita, a popular e a cultura de massa especialmente, nos países latino-americanos, nos quais haveria ocorrido um desajuste entre um modernismo exuberante e uma modernização deficiente. Para Canclini (1998), a modernidade não deveria ser vista como uma força dominadora que iria substituir o tradicional pelo moderno.

Segundo o autor, haveria uma complexa relação entre a tradição e a modernidade, de modo que o tradicional não seria extinto pela industrialização e massificação dos bens simbólicos. A cultura híbrida estaria sendo gerada pelas novas tecnologias comunicacionais, pela reorganização do público e do privado e pela desterritorialização dos processos simbólicos. As culturas de fronteiras, para Canclini (1998), seriam como formas híbridas, resultantes do fenômeno da desterritorialização. As fronteiras, na concepção do autor, permitiriam fluxos multidirecionais levando a intercâmbios culturais e econômicos, reforçando a constante (re)construção das fronteiras que se tornariam cada vez mais flexíveis. Esses contextos interculturais são denominados por Canclini de hibridação, pois envolveriam mesclas não apenas raciais, como, também, fusões religiosas ou referentes a outras esferas simbólicas tradicionais.

Peter Burke (2003), outro autor que também trata do hibridismo cultural, defende que no atual período em que vivemos, existiria uma tendência de celebrar o híbrido, pois os encontros culturais se manifestariam de forma cada vez mais frequente e intensa. Os processos de globalização cultural, segundo o autor, envolvem a hibridização, ou seja, existiria uma tendência global de mistura e hibridização, seja na esfera econômica, social, política, bem como cultural. Para o autor, o termo cultura pode ser considerado como uma forma de incluir atitudes, mentalidades, valores, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações. Para Burke (2003) o multiculturalismo seria, portanto, uma mescla cultural. As práticas híbridas seriam fruto de encontros múltiplos, sucessivos, que adicionariam novos elementos à mistura. Estes encontros contribuiriam para a conversão cultural, voluntária ou forçada, contando com a interveniência de um mediador cultural. Tal fenômeno se manifestaria mediante a ocorrência da circularidade cultural, através da qual os sujeitos sociais incorporariam elementos novos a sua cultura.

Contudo, tal processo seria perpassado por uma apropriação seletiva. Neste sentido, Peter Burke discorda da concepção clássica de aculturação, que a toma como a modificação cultural completa, como uma forma de subordinação e adoção das características da cultura dominante. Burke percebe o hibridismo como um processo que possibilita a multiplicidade e a fluidez cultural. Todas as culturas estariam envolvidas entre si, nenhuma delas seria única e pura, mas híbridas e heterogêneas (SAIAD, 1993). Duas culturas ao entrarem em contato se modificariam por meio da mescla, expressando mudanças, mas, também, permanências.

Alguns locais, como as fronteiras, seriam particularmente favoráveis à troca cultural, por se constituírem não em um limite espacial, mas em um espaço de contato cultural. As zonas de fronteira permitiriam, assim, o contato inter-cultural, com sobreposições ou interseções entre culturas. O que começa como uma mistura pode acabar se transformando na criação de algo novo e diferente (BURKE, p.73). Mas, segundo o autor, as trocas culturais poderiam se manifestar em termos da aceitação, da rejeição (defesa das fronteiras culturais), da segregação e da adaptação. Assim, o autor aponta quatro possíveis cenários: o primeiro seria a resistência ou contra-globalização; o segundo, a diglossia cultural, ou seja, uma combinação de cultura global com culturas locais; o terceiro, a homogeneização, uma fusão de diferentes culturas e, por fim; a possibilidade do surgimento de novas sínteses.

Neste sentido, Turner (2008), ao analisar as mudanças sociais aponta que este processo de interação cultural, pode se manifestar pela desarmonia do grupo, em função da existência de interesses e atitudes em uma óbvia oposição entre os indivíduos que o compõem. Neste contexto, os sujeitos fariam uma releitura do próprio cotidiano e da visão de mundo que o sustenta. Turner (2008) utiliza do conceito de liminaridade para tratar dos interstícios sociais, nos quais a interposição das forças do centro e das margens, resultaria em novos esquemas de significação característicos desta zona fronteira. Neste campo de forças formado pelo encontro intercultural típico da fronteira, Gupta (1992), aponta para a manifestação de um multiculturalismo, que revelaria a ligação entre os espaços, ao invés de tomá-los de forma desconectada.

Em suma, os processos de hibridismo cultural permitiriam entender que as transformações dos modos de vida das sociedades rurais ocorreriam em diferentes velocidades e expressariam, tanto mudanças, quanto permanências e mesclas. As

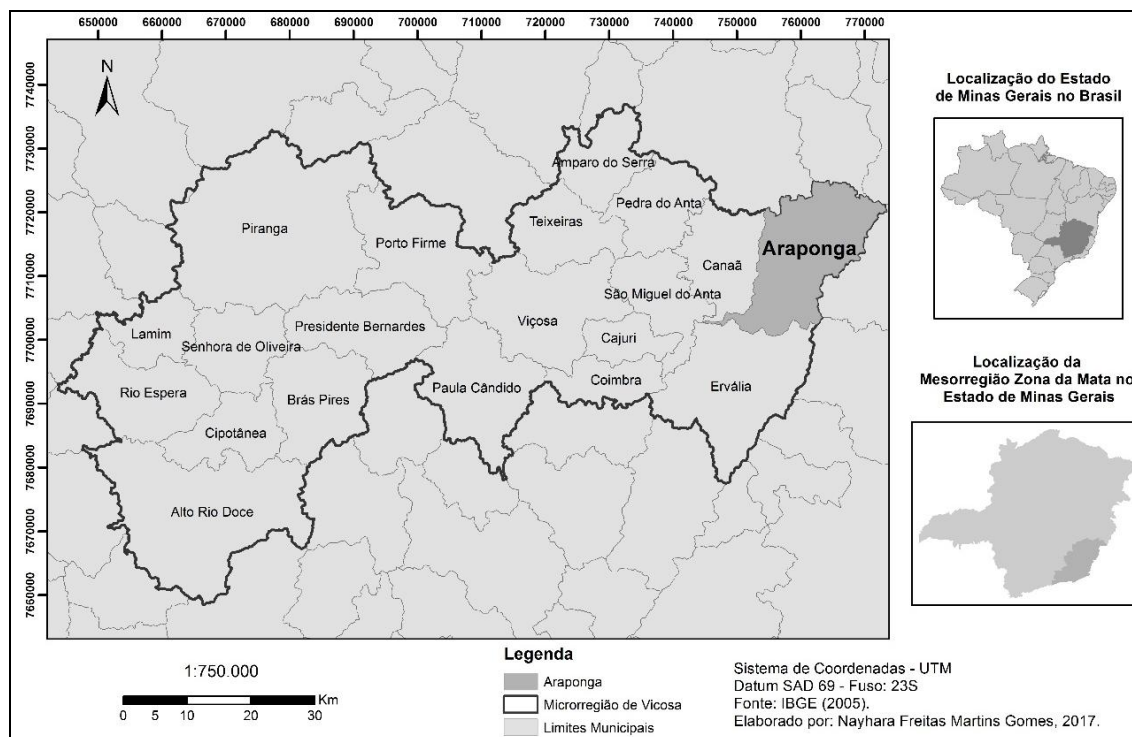
transformações imateriais, referentes às mudanças de atitude e de mentalidade podem se manifestar de forma ainda mais lenta que as transformações materiais. A hibridização consciente permitiria a escolha por parte daquilo que o sujeito considerasse como apropriado à situação em que se encontra. A hibridização também pode ter dimensões inconscientes, envolvendo a emergência de uma nova forma de ordem cultural mais diversificada que a anterior. Mas, as formas híbridas não se mostrariam, necessariamente, como um estágio no caminho para uma cultura global homogênea.

Assume-se, assim, na elaboração deste marco teórico que a mobilidade socioespacial, contemporânea, se expressa pela capacidade do indivíduo de mover-se entre vários universos culturais em diferentes escalas espaço-temporais, e de lidar com um amplo repertório material e simbólico. A coexistência desses diferentes códigos simbólicos em um mesmo grupo, indivíduo ou localidade distingue o cenário social das sociedades contemporâneas. As identidades construídas e permeadas pela lógica cultural pós-moderna são híbridas, maleáveis, fluidas e multiculturais (CANCLINI, 1998). As localidades e espaços rurais, são concebidos, portanto, como perpassados pela intensificação das relações sociais contemporâneas, que combinam matrizes simbólicas advindas dos fluxos globais, promovendo um movimento de decomposição-recomposição em suas configurações socioespaciais.

Caracterização do local de estudo: Araponga, MG

O município em análise, localiza-se na Zona da Mata Mineira, na microrregião de Viçosa (Figura 1). A seleção de Araponga ocorreu pelo fato do município possuir população inferior a 20.000 habitantes, como ocorre em mais de 80% dos municípios brasileiros (VEIGA, 2004, p. 80). Na ocasião do Censo Demográfico de 2010, Araponga registrava 8.164 habitantes, destes 5.122 pessoas (63%) residiam no campo, tendo uma densidade demográfica de 27 hab/Km² (IBGE, 2010).

Figura 1- Localização de Araponga na Microrregião de Viçosa (MG)



Fonte: IBGE, 2010.

No que tange ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), Araponga possui o segundo menor IDHM do Estado de Minas Gerais, segundo dados do (PNUD, 2014). Em 1991, o IDHM do município era de 0,277; em 2000, de 0,393 e 0,536 em 2010. Contribui para este baixo IDHM, sobretudo, o baixo desempenho em “educação”, o qual ficou em 0,339 em 2010. A renda ficou no mesmo período em 0,597 e a longevidade em 0,760. Estes indicadores evidenciam uma situação de baixo desenvolvimento humano persistente ao longo das últimas décadas. A renda das propriedades rurais de Araponga advém, sobretudo, das atividades agrícolas (praticadas por 70% dos entrevistados), dentre elas, o café era a principal fonte de receita destas famílias. A estrutura agrária do município é composta por 1.438 estabelecimentos rurais. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, 1.388 destas propriedades (96,5% do total), apresentava menos de 50 hectares e neles predominava a agricultura de base familiar.

Figura 2- Mosaico de fotos das principais atividades agrícolas realizadas pela população rural de Araponga, MG

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado (2015).

Observa-se, também em termos econômicos, uma forte dependência das transferências intergovernamentais. Segundo dados do portal Meu Município (2019), para cada real recebido, o município arrecadava apenas 0,19 centavos da própria prefeitura, revelando uma forte dependência do município dos recursos externos. Na Tabela 1, pode-se observar os valores referentes ao Produto Interno Bruto (PIB) do município, o qual revela a expressividade do PIB de serviços e do PIB agropecuário face ao PIB industrial.

Tabela 1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, Minas Gerais e Araponga

	PIB Agropecuário	PIB Industrial	PIB Serviços	PIB <i>per capita</i>
Brasil	196.100.000.000	983.400.000.000	2.561.200.000	22.402,00
Minas Gerais	30.214.659	103.353.712	218.334.160	20.324,58
Araponga	25.012	5.221	32.177	7.779,97

Fonte: IBGE, 2010.

Embora a principal fonte de renda advinha das atividades agrícolas, observa-se que os ganhos advindos dos benefícios do governo na manutenção das famílias de Araponga, representam a segunda fonte de renda tanto entre os jovens, como entre os adultos e idosos, sendo que entre os idosos este percentual é o mais expressivo, como

mostrado na Tabela 2. Entre as mulheres, a renda advinda dos benefícios do governo, é mais significativa que entre os homens, em todas as faixas etárias.

Tabela 2 - Principal fonte de renda da família por geração e sexo

%	Jovens		Adultos		Idosos	
	M*	F**	M	F	M	F
Atividade agropecuária	70	62,5	82,6	54,5	50	
Trabalho assalariado ligado a atividade agrícola	5			13,6		
Trabalho assalariado ligado a atividade não agrícola	10	6,3	4,3	9,1		
Benefícios do governo	15	25	8,7	22,7	50	100
Atividade não agrícola		6,3	4,3			

*M: masculino; F: feminino

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado (2015).

O acesso ao Programa Bolsa Família foi mencionado por 27,6% das entrevistadas adultas e a renda proveniente deste benefício é administrada pela mulher, que geralmente contribui para a compra de alimentos industrializados, material escolar, roupas, pagamento das contas da casa e aquisição de eletrodomésticos. O acesso a aposentadoria e/ou pensão foi apontada por 23,4% das idosas, a combinação do recebimento de vários benefícios fazia parte da vida de 19% das famílias. Menos de 40% das famílias dos entrevistados não acessavam aos programas sociais do governo federal, o que ajuda a compreender a possibilidade da maior parte dos entrevistados manter uma dinâmica de trabalho em nível local.

Segundo Batista (2013) e Barros (2017), os programas sociais do governo brasileiro têm influenciado nas condições de vida e consumo da população residente no campo. Essa renda combinada com as atividades desenvolvidas nas propriedades possibilitam a melhoria da infraestrutura de suas casas, a compra de eletrodomésticos e equipamentos para a modernização da propriedade rural. O aumento do poder de consumo dessas famílias aponta para uma melhora no bem-estar das pessoas e são instrumentos facilitadores da permanência no campo, fixando ainda que temporariamente também os jovens.

Esse fato pode estar ligado à predominância da pequena propriedade e da prática da cafeicultura que além de originar renda advinda da comercialização do produto gera empregos sazonais no período de colheita da sua colheita. Diante das características socioeconômicas descritas buscou-se analisar a forma como as práticas de consumo de bens materiais vêm se incorporando aos modos de vida dos habitantes do campo.

Procedimentos metodológicos

Este artigo é parte dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada “A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, Minas Gerais”, defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Viçosa. Para analisar as práticas de consumo materiais das pessoas que vivem no campo de Araponga, este estudo considerou uma amostra probabilística e representativa da população composta por 94 indivíduos. Para tal¹, foi utilizada a fórmula da proporção finita de Bolfarine; Bussab (2005, p. 28), assumindo-se o erro de estimativa de 10% e 95% como grau de confiança. Os dados primários foram coletados através de um *Survey* com perguntas fechadas e abertas, combinação fundamental para o levantamento amplo e exaustivo a respeito do assunto pesquisado (BARROS; LEHFELD, 2014). Para a aplicação dos questionários considerou-se os moradores do campo com no mínimo 15 anos de idade, apresentados na Tabela 3 (população que constituiu o universo deste estudo).

Tabela 3- População residente no campo por faixa etária e sexo em Araponga

Faixas etárias (Anos)	Número de residentes	Sexo feminino	Sexo masculino
15 a 19	462	226	236
20 a 24	488	224	264
25 a 29	519	230	289
30 a 39	846	396	450
40 a 49	554	249	305
50 a 59	401	221	179
60 a 69	294	160	133
70 ou mais	234	102	132
TOTAL	3.798	1.808	1.988

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

As faixas etárias selecionadas foram delimitadas de acordo com os objetivos deste trabalho. As categorias criadas classificaram como “jovens”, os indivíduos com idade entre 15 aos 19 anos e aqueles com 20 aos 29 anos. Já os moradores adultos foram compreendidos pelas faixas etárias entre 30 aos 39 anos, 40 a 49 anos e 50 a 59 anos,

¹ Para o cálculo amostral foram identificadas as unidades domiciliares rurais, através da consulta aos dados cadastrais disponibilizados pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da Secretaria de Saúde de Araponga, Minas Gerais.

enquanto os idosos foram classificados como os habitantes 60 anos ou mais. A Tabela 4 se refere ao tamanho da amostra pesquisada quanto às faixas etárias e ao sexo.

Tabela 4- Total de questionários aplicados

Faixas etárias	População pesquisada	Sexo feminino	Sexo masculino
15 a 19	11	5	6
20 a 24	12	5	7
25 a 29	13	6	7
30 a 39	21	10	11
40 a 49	14	6	8
50 a 59	10	6	4
60 a 69	7	4	3
70 ou mais	6	3	3
TOTAL	94	45	49

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado (2015).

A combinação de questões abertas e fechadas possibilitou ao entrevistado discorrer sobre os hábitos de consumo e seu impacto no modo de vida rural. Em algumas questões abertas foi adotada a escala tipo *Likert* dentro de uma perspectiva valorativa, tendo sido composta por cinco pontos, expressões avaliativas, que procuraram antagonizar os contrastes em termos do julgamento de valor que expressaram. Adotou-se também, o registro fotográfico da estrutura física dos domicílios rurais enaltecendo a presença de bens de consumo urbanos (materiais e imateriais), bem como a manutenção de costumes e artefatos tradicionalmente do campo. Para a análise das informações obtidas em campo, utilizou-se uma análise exploratória (EAD) sob a perspectiva de sexo e de diferenças geracionais. Para autenticar a análise realizada foram selecionados fragmentos das entrevistas testemunhando a incorporação de padrões urbanos de consumo pelas famílias residentes do campo.

Resultados e análises

A mobilidade espacial, pode ser definida como qualquer deslocamento humano no espaço, independente da escala espaço-temporal em que se desenvolve (CUNHA, 2011). Logo, a mobilidade espacial abrange desde os fenômenos migratórios intercontinentais até os deslocamentos mais comuns ligados ao dia a como ir ao trabalho, ao médico ou ao supermercado (LORDANO; JOIA, 2020). Assim, torna-se parte, da vida cotidiana das populações contemporâneas. Esse cotidiano, conforme

Carlos (2004), cada vez mais é revestido pelas demandas de uma sociedade submetida ao sistema capitalista e tomado pelo mundo da mercadoria.

Na presente pesquisa, o deslocamento com a finalidade de adquirir produtos para uso pessoal, como roupas e calçados, foi observado entre todas as gerações dos respondentes. Entre os jovens se manifestou com percentuais próximos entre rapazes (90%) e moças (87,5%). Já entre os adultos, as mulheres se deslocavam mais para essa finalidade: 91% contra 74%, respectivamente. A mesma tendência se manteve, também, entre os idosos: as idosas se deslocavam 85,7% para realizar atividades de consumo para uso pessoal, ao passo que apenas 50% dos idosos se deslocavam para este fim. Esta tendência foi igualmente observada nos estudos de Barros (2017) com aposentados rurais da Zona da Mata Mineira.

Com base nestes dados, nota-se que a dinâmica de deslocamento para o consumo voltado para o uso pessoal se efetivava com claro recorte de sexo e geração, sendo realizada, sobretudo, pelas mulheres e, mais ainda, pelas idosas, que contavam com a sua aposentadoria. 37% das moças se deslocavam mais do que os rapazes (20%). Entre os adultos: 23% das mulheres contra 9% dos homens e 43% das idosas consumiam mais que 17% dos idosos.

Em relação ao deslocamento para fazer compras de alimentos e produtos de limpeza para a casa, os homens, adultos e idosos, foram os maiores compradores, seguidos pelas idosas. Isto sugere que a renda, sobretudo, a da aposentadoria, pode exercer influência em relação a quem realiza as compras para a casa. A imagem socialmente construída do homem como provedor da casa, dá sentido aos elevados percentuais relacionados com as compras por eles realizadas. Todavia, as idosas aposentadas também se destacaram na realização desta prática. Ou seja, a renda da aposentadoria e a idade se mostraram como fatores tendentes a equalizar as práticas de consumo voltada para a sustentação do lar, que eram realizadas, também, por parte das mulheres idosas, como observado por Barros (2017).

Além das compras de alimentos e produtos de limpeza para a manutenção da casa, os dados evidenciaram a prática comum de comprar eletrodomésticos, sendo os mais presentes: a televisão, presente em 99% dos domicílios nos quais foram realizadas as entrevistas; a antena parabólica em 98%; o fogão a gás em 98%; a geladeira e o liquidificador em 94,7; o tanquinho de lavar roupa em 91,5%; o celular em 84%; o ferro

elétrico em 72%; o DVD em 62% e o aparelho de som em 59,6%. Este levantamento da presença de eletrodomésticos no cotidiano das famílias rurais evidencia que as suas práticas de limpeza, cuidado da casa e preparo da alimentação vêm passando por mudanças em relação a forma como eram feitos antigamente.

Mas, se por um lado, ficou nítido a incorporação destes novos equipamentos no cotidiano das famílias rurais, por outro lado, notou-se a manutenção do guardião da identidade rural, fogão à lenha permanecia presente em 90,4% dos domicílios. O fogão à lenha aparecia em muitas casas modernizado, com cerâmicas de revestimento, mas, sempre, ostentando o seu lugar no conjunto dos utensílios da cozinha (Figura 3). No que refere à posse da televisão, antena parabólica, fogão a gás, geladeira, liquidificador, do tanquinho e da máquina de lavar roupa, verificou-se que os domicílios dos respondentes tinham amplo acesso a esses bens de consumo. Portanto, os dados sinalizam que o modo de morar das famílias entrevistadas se mostrava bastante próximo daquele encontrado nas cidades.

Figura 3- Mosaico de fotos sobre o aparelhamento dos domicílios rurais



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado (2015).

O amálgama entre o tradicional e o moderno no modo de vida dos rurais de Araponga como pode ser visualizado na Figura 4, também fica explícito na avaliação que realizaram dos equipamentos que fazem parte do seu cotidiano. Dentre os equipamentos de uso doméstico, 84% dos rurais consideraram a geladeira “muito importante”; 83% o tanquinho e a máquina de lavar; 74% o fogão à lenha; 67% o celular; 64% o liquidificador; 63% o fogão à gás e 49% a televisão. Percebe-se nesta avaliação que o senso de pragmatismo e utilidade prepondera sobre o lazer e o entretenimento.

Figura 4- Mosaico de fotos representando a mescla entre o modo de vida rural e urbano



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado (2015).

Em relação aos meios de transportes, o carro foi considerado muito importante para 87% dos entrevistados; a moto para 85% e o trator para 50%. Já o cavalo dentro desta mesma lógica, foi avaliado como pouco importante para 41% dos entrevistados, visto que a moto o substituiu até mesmo para tocar o gado. O acesso à moto deve, inclusive, ser observado com atenção, em função do seu expressivo crescimento na paisagem rural. A moto constitui um dos mais contundentes meios de penetração da cultura urbana no campo, em função da agilidade que propicia às pessoas de diferentes idades e sexos de se deslocarem entre o campo e a cidade, articulando estes dois universos em suas vidas.

Outro destaque merece ser dado em termos da avaliação realizada pelos rurais acerca da importância do celular nas suas vidas. Observou-se que além do celular ter sido avaliado como muito importante, ele estava presente em 84% dos domicílios. De acordo com os dados da PNAD (2011), os celulares encontravam-se presentes em 61,7% dos domicílios rurais em Minas Gerais. Ou seja, em uma região tão agrícola e isolada como a do pequeno município de Araponga a presença do celular entre as famílias entrevistadas ultrapassa a média mineira. O acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), para além da moto, também constitui um dos fatores que mais favorece a conexão dos rurais aos diferentes espaços. A Figura 5 apresentada a seguir, ilustra a forma como as famílias rurais de Araponga demonstram estar conectadas, articulando o campo e a cidade, favorecendo as relações de trabalho, estudo, lazer, bem como aquelas relacionadas à família e às relações afetivas.

Figura 5- Mosaico de fotos da presença de algumas TICs nos domicílios pesquisados de Araponga



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado (2015).

O consumo faz parte da vida dos moradores do campo e influencia diretamente no bem estar e qualidade de vida dos rurais (NAVARRO et al., 2020), como ilustram as falas tanto dos jovens como dos idosos acerca do significado das facilidades trazidas para a sua vida:

Há tempos atrás era muita dificuldade. A família era grande, mal dava para sustentar todo mundo. A gente andava com roupa remendada, ganhada, comia o que dava em casa, nem cama direito tinha pra todo mundo, dormia amontoado. O pessoal vivia muito mal. Hoje em dia a pessoa veste melhor, come melhor, calça melhor, tem meio de transporte. Antigamente era a pé ou

no lombo do cavalo, se quisesse. Hoje o povo todo tem casa boa, celular, as coisas melhoraram demais. (Respondente 71, homem, 26 anos)

Mesmo quem está na roça, hoje, questão de alimentação, vestimenta, boa morada, está mais parecido com a cidade. Já foi o tempo que as casa na roça era ruim, povo andava mal vestido, comia o que tinha em casa. Mas, agora virou moda. De primeiro as coisas era bem grosseiro, simples, hoje ninguém fica pra trás. O povo está sempre melhorando mais, porque você traz o conforto pra roça. (Respondente 62, idosa, 65 anos).

Ao analisarmos o conjunto de transformações materiais presentes na vida dos habitantes do campo de Araponga, reforça que os mesmos se mostravam abertos à adoção das tecnologias fossem elas ligadas ao âmbito doméstico, comunicacional ou relativo às práticas laborais. Ficou evidente que o acesso aos bens e mercadorias de origem urbana pelos rurais, não apontava para a perda da sua identidade com o rural. Observou-se no campo de Araponga, a existência de uma sociedade híbrida, marcada por permanências de tradições e práticas em meio às incorporações do moderno.

Considerações finais

O processo de urbanização através das práticas de consumo associada aos modos de morar, acesso a bens de consumo duráveis, meios de transporte e serviços têm atenuado as fronteiras entre o campo e a cidade. Ressalta-se que este estudo não tratou a mobilidade socioespacial como uma variável causal em relação às mudanças dos modos de vida das famílias que vivem no campo. Mas, sim, foi vista como um indicador das dimensões em que o modo de vida rural vem sofrendo mudanças.

Como demonstrado nesta pesquisa, a busca por parte dos moradores do campo por bens e serviços, indica que a vida no campo não pode mais ser interpretada por características distintivas, ela vem se relacionando de múltiplas maneiras à economia geral, à vida urbana e à tecnologia moderna. Os hábitos de consumo dos pequenos agricultores, trabalhadores e moradores rurais de Araponga, aqui analisada, é um claro exemplo deste hibridismo cultural.

As sociedades rurais estão, sim, se transformando, mas não por um processo uniforme. Os efeitos desse processo modernizador são filtrados pelas especificidades dos tecidos sociais locais, com suas marcas culturais, sociais e econômicas heterogêneas. As entrevistas realizadas em Araponga revelaram o quanto esta sociedade não está isolada do todo. Todavia, mesmo exercendo o seu poder de escolha mediante as

inovações a que são apresentados, esta sociedade de pequenos agricultores, permanece carregando as suas especificidades, construídas ao longo da sua história. Este processo de integração destas da sociedade rural à economia global, mesmo sendo perpassado pela diluição das diferenças, não descaracteriza os modos de vida presentes nestas localidades.

REFERÊNCIAS

- BARROS, V. A. M.; FIUZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A. O “habitus previdenciário” na vida das famílias rurais: o caso dos municípios de São Miguel do Anta e Piranga na Zona da Mata Mineira. **Ciência Rural**, vol.47, n.6, p. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-8478cr20151191>. Acesso: 13 ago, 2019.
- BARROS, A. de J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BATISTA, E. H. A. Dinâmicas de mobilidade socioespacial das populações rurais no Norte do estado de Minas Gerais (BRASIL). **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v.7, n.1, p. 114-140, 2013. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/170/85>. Acesso em: 07 mar, 2019.
- BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; REMOALDO, P. C. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias (UFRGS)**, v. 19, n. 45, p. 348-374, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/65878>. Acesso em: 22 jan, 2021.
- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W.O. **Elementos de amostragem**. São Paulo: Edgar Blücher, 2005, 290p.
- BONCINELLI, F.; BARTOLINI, F.; CASINI, L. Structural factors of labour allocation for farm diversification activities. **Land Use Policy**, v. 71, p. 204–212, 2018.
- BRANDÃO, C. R. **No rancho fundo: espaços e tempos no mundo rural**. Uberlândia: EDUFU, 2009. 244p.
- BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, Ed. da Unisinos, 2003, 116p.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2º ed. 1998, 392p.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida**. São Paulo, 8ª Ed, Ed 34, 1997.

CARLOS, A. F. A. A Questão da Cidade e do Campo: Teorias e Política. **Mercator**, Fortaleza, ano 03, n. 05, jan/jun. 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/yycbhbq>
Acesso em: 13 jan, 2021.

CUNHA, J. M. P. da. **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/y54h7p5q>. Acesso: 22 jan. 2021.

GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 13, p. 59–74, 1993.

GUPTA, A; FERGUSON, J. Beyond culture: space, identity and politics of difference. **Cultural Anthropology**, v. 7, n. 1, p. 6-23, 1992.

GOMES, M. F. M., FIÚZA, A. L. C., PINTO, N. M. A., REMOALDO, P. C. A. C. Os rurais e a cidade: a mobilidade socioespacial dos habitantes do campo em pequenos municípios de economia agrícola. **Ra'eGa**, Curitiba, v.44, p. 242 -257, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/50204>. Acesso em: 09 abr, 2019.

IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

LI, Y.; WESTLUND, H.; LIU, Y. Why some rural areas decline while some others not: An overview of rural evolution in the world. **Journal of Rural Studies**, v. 68, p. 135–143, 2019.

LORDANO; G. A; JOIA, P. R. Mobilidade cotidiana campo-cidade dos moradores do distrito de Cipolândia -Aquidauana/MS: as motivações para os deslocamentos e sua relação com a estrutura interna de equipamentos urbanos. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 15, n. 37, p. 43-67, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/53445/29888>. Acesso em: 18 jan, 2021.

MARTINS, J. S. **A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEU MUNICÍPIO. Disponível em: <https://meumunicipio.org.br/indicadores-municipio/3103702-Araponga-MG?exercicio=2019>. Acesso em: 19 jan, 2021.

NAVARRO, M.; D'AGOSTINO, A.; NERI, L. The effect of urbanization on subjective well-being: Explaining cross-regional differences. **Socio-Economic Planning Sciences**, p. 100824, 2020. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0038012119304021>. Acesso em: 01/4/2020.

RAMBAUD, Placide. *Société Rurale et Urbanisation*. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

_____. *Société Rurale et Urbanisation*. 2ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1973.

SAIAD, E. **Culture and Imperialism**. London, 1993.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

SETUBAL, M. A. **Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista**. São Paulo: CENPEC, 2005.144p.

SORRE, M. GÉOGRAPHIE DES TEXTILES DE MM. ANDRÉ ALLIX ET ANDRÉ GIBERT. **Annales de Géographie**, v. 67, p. 59–61, 1958.

SILVEIRA, L. N; COUTINHO, E. A; FIUZA, A. L.C. A atualidade da obra *Société Rurale et Urbanisation* de Placide Rambaud para a compreensão das transformações do campo brasileiro. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 21, n. 1, p. 160-179, 2013.

TURNER, V. Dramas sociais e metáforas rituais in *Dramas, Campos e Metáforas. Ação simbólica na sociedade humana*, Niterói: Eduff, 2008, p.19-54.

VEIGA, J, E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Estudos Avançados**, v. 51, n. 18, p. 51-67, 2004.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida – reflexos sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. O. **Fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

Recebido em 06/05/2020.

Aceito para publicação em 24/09/2020.